

## INGLÊS EM SÃO LEOPOLDO: REPRESENTAÇÕES COLETIVAS APRESENTADAS POR JOVENS

CASSEL, F. E. D.<sup>1</sup>, ROCHA, L.<sup>2</sup>, SILVA, L. S.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL) – Sapucaia do Sul – RS – Brasil -  
[cassel.felipe@gmail.com](mailto:cassel.felipe@gmail.com)

<sup>2</sup> Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL) – Sapucaia do Sul – RS – Brasil -  
[luanadarocha@hotmail.com](mailto:luanadarocha@hotmail.com)

<sup>3</sup> Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL) – Sapucaia do Sul – RS – Brasil  
[lisesteffen8@gmail.com](mailto:lisesteffen8@gmail.com)

### RESUMO

O município de São Leopoldo, no bairro Centro, apresenta, conforme mapeamento inicial da pesquisa, o total de treze Centros de Ensino de Idiomas, que oferecem, entre outras, a língua inglesa. Essa pesquisa considera que a atuação destes centros transcende ao ensino de um idioma e assume o caráter de promotor de diálogos culturais. Nesta perspectiva, volta sua análise aos processos dialógicos presentes nos Centros entre a cultura brasileira e a cultura estrangeira, em especial, a anglosaxã. A pesquisa direciona seu olhar ao público jovem e busca - com base em exercícios de análise de discurso - identificar as representações coletivas tidas por estes. A pesquisa, de caráter qualitativo e exploratório, vale-se de entrevistas. As coletas foram realizadas em cinco centros de ensino, contando com quinze entrevistas efetuadas. O discurso dos jovens evidencia forte presença de países tidos como hegemônicos no contexto dos cursos Estados Unidos da América, Canadá e Inglaterra. Afirmções de entrevistados sugerem que o ingresso no curso favorece o acesso a bens culturais estrangeiros, em especial dos países ditos hegemônicos. Resultados evidenciam que os indivíduos tendem a negligenciar/subestimar a cultura e valores locais e importar modelos estrangeiros que são idealizados como melhores. Podese identificar um discurso que institui o idioma inglês como formação essencial para um bom desempenho no mercado de trabalho. A análise encontrase em fase de conclusão, discutindo a presença destes centros como espaços de formação profissional e/ou multiplicadores de uma espécie de “imperialismo cultural”.

Palavras Chave: São Leopoldo; Ensino de Língua Inglesa; Representações Coletivas.

### 1 INTRODUÇÃO

O contexto leopoldense traz (a partir de mapeamento de nosso grupo) treze centros de ensino de idiomas que oferecem a língua inglesa localizados no Bairro Centro. Em uma breve comparação com os municípios limítrofes, descobre-se que os números leopoldenses são, de fato, mais expressivos. Conta-se com diversidade de marcas, muitas delas mostrando-se até mesmo como franquias. Não tratamos aqui de um quadro de monopólio, onde uma empresa apresentaria várias filiais em meio ao bairro; pelo contrário, não há a repetição nos nomes dos centros de ensino mapeados. A princípio, a presença destes

centros de ensino pode ser encarada por um viés positivo sendo associada a ideias de desenvolvimento e capacitação. Entretanto, uma reflexão mais cuidadosa remete a problematizações deste contexto. Um elemento importante para este tipo surge das definições de Erling quando este infere:

*“[...] defender que o inglês internacional não tem ligação com a cultura britânica ou americana é ser irresponsável e desonesto. Mesmo que a língua não esteja amarrada exclusivamente a uma cultura, nenhuma língua pode ser despida de seu passado histórico. Em vez de negar a conexão entre a língua inglesa e sua respectiva “bagagem” (seja de modo positivo ou negativo), os linguistas aplicados deveriam admitir francamente que valores culturais necessariamente acompanham a língua.” Erling (2000; apud Vivian, 2011).*

Deste modo, enriquece-se o âmbito da pesquisa ao esclarecer brevemente a complexidade que envolve o tema. Expõe-se o conceito de ensino/aprendizado de língua inglesa como um fenômeno não meramente linguístico, mas, sim, cultural, uma vez que contempla valores e demais elementos intrínsecos (“bagagens”).

O centro do município apresenta, portanto, treze espaços onde o diálogo intercultural é potencializado. Não cabe, desta forma, mais a análise dos centros de ensino como espaço de aprendizagem da língua apenas na sua dimensão morfológica, semântica e gramatical, mas sim, de propalação e incorporação de valores e códigos alóctones.

Outro fato que justapõe a problemática de tais centros de ensino é a ausência de uma legislação específica para estes ambientes. Nem em âmbito municipal ou estadual e tampouco nacional encontra-se um regimento específico a ser seguindo por estas “escolas de idiomas”. Em consonância a isto, reporta-se a ausência de processos de fiscalização destes ambientes por parte do poder público no que se refere aos conteúdos trabalhados e métodos empregados. Neste trabalho, não assumimos a ideia de “centro de ensino de línguas” como sinônimo de “escola”. Em virtude da ausência de legislação específica os centros de ensino vem a efetuar seus cadastros legais (tais como o Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica - CNPJ) a título de empresas prestadoras de serviços. Esta “lacuna institucional” implica na total liberdade destes estabelecimentos na contratação de profissionais na função de “professores”/instrutores de idiomas - sem a obrigatoriedade destes possuírem formação acadêmica mínima. Dentro da conhecida “Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional” (Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) estabelece em seu artigo de número 21 que: “A educação escolar compõe-se de: I - educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; II - educação superior.”; percebe-se que os ambientes aqui estudados não se encaixam em nenhum dos dois parâmetros estabelecidos na forma da lei, logo podem ser entendidos como um processo educacional à parte caracterizando uma “educação informal”.

Considerando isso, o paradigma através do qual observamos os cursos de inglês no município de São Leopoldo é modificado. Siqueira propõe que a preocupação em relação ao ensino da cultura reside no estado de idolatria percebido nas aulas de língua inglesa e a valorização exagerada da cultura do outro em detrimento da própria cultura. É a cultura alvo que é sempre apreciada e ensinada, levando os professores a, além de não debaterem questões culturais de forma crítica, tornaram-se verdadeiros seres re-aculturados na sua própria terra.(Siqueira, 2005; apud Vivian, 2011).

Frente a profissionais que atuam nestes espaços sem a obrigatoriedade de formação formal e a ausência de parâmetros educacionais formais, a possibilidade da ocorrência de quadros de “aculturação” e idolatria como descritos por Siqueira (2005) tende

a ser mais frequente. Reconhece-se, assim, o poderio que encontra-se imbuído naquilo que antes parecia o simples e corriqueiro ensino de língua estrangeira. Assumindo o atrelamento entre língua e cultura abre-se o horizonte para discussões mais profundas acerca dos processos de ensino/aprendizado da língua inglesa.

## 2 METODOLOGIA (MATERIAIS E MÉTODOS)

Esta pesquisa apresenta cunho exploratório de ordem qualitativa, sendo esta última definida por Gil (2010) como: [pesquisas que] têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Os instrumentos de coleta empregados foram: levantamento bibliográfico, adoção de caderno de campo e entrevistas semiestruturadas.

Frente a diversidade / heterogeneidade de sujeitos que compõem o universo de frequentadores de Centros de Ensino de Língua Inglesa, entendeu-se a necessidade de um recorte de amostragem. Para tanto, elegeu-se o público jovem em virtude deste apresentar um contingente significativo nestes ambientes; além disto, outras pesquisas que traziam a figura do ensino/aprendizado de língua inglesa já foram realizadas com públicos desta faixa etária (porém na esfera pública de ensino), o que viabiliza diálogos ente os trabalhos em termos metodológicos, referenciais teóricos, entre outros.

No âmbito desta pesquisa, o conceito de jovem é embasado no disposto da lei nº 12.852/13 (Alcunhado “Estatuto da Juventude”) em seu Arg. 1, parágrafo 1 de modo a serem consideradas “jovens” as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.

A pesquisa contou com a realização de 15 entrevistas realizadas com jovens frequentadores de cinco centros de ensino. Frente aos dados obtidos, empregou-se os princípios de Bardin (1977) para exercícios de análise de discurso. Noções do conceito de *representações coletivas* do sociólogo Émile Durkheim também foram empregadas como embasamento das análises. Encontrou-se no trabalho coordenado por Florestan Fernandes intitulado “*Durkheim*” uma coletânea de excertos obtidos a partir das obras do sociólogo francês em questão. O volume é composto inteiramente de fragmentos das obras originais de Durkheim (não comentados por demais autores) e fora adotado como referencial teórico frente à inviabilidade (por questões de tempo) da leitura, análise e discussão do material original por forma completa.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da análise de dados (etapa que encontra-se em fase de fechamento) dialogam com os excertos supracitados - Erling (2000; apud Vivan, 2011) e Siqueira (2005; apud Vivan, 2011). Os dois fatores preponderantes como atrativos e motivadores do início dos estudos dos entrevistados foram o mercado de trabalho e viagens ao exterior. Enfatiza-se que estes dois elementos (mercado e viagens) são os únicos que aparecem em grande parte das respostas. Quando perguntados sobre a questão da aquisição de um novo idioma como forma de crescimento intelectual/pessoal os participantes mostravam respostas positivas, porém estas com intensidade inferior e derivadas de perguntas diretas em relação ao tema: estudo do inglês / desenvolvimento pessoal. Identificou-se um discurso

que institucionaliza o idioma inglês como um pré-requisito para qualquer área de atuação profissional, como pode ser visto em depoimento de *entrevistado O*:

*“Ähn, que nem... eu nem sei ainda, eu nem tenho ideia ainda de no que eu vou trabalhar, mas eu tenho certeza que - com certeza - o inglês vai ser útil, porque ele ta sendo útil pra praticamente tudo agora, né?”.*

O trecho sugere elementos que tendem a repetirem-se ao longo das demais entrevistas em maior ou menor grau: a) a ideia do idioma inglês como uma *ferramenta profissional genérica*; b) incertezas quanto a área profissional a ser seguida, porém a ideia de que esta valer-se-á do idioma inglês em algum ponto; c) a percepção/aceitação de que o inglês é uma língua muito presente; d) o idioma é considerado por muitos como um *passaporte comunicativo internacional*, como uma língua entendida em qualquer (ou quase) canto do planeta.

Este trabalho não possui como missão provar a importância (ou a irrelevância) de um idioma, o que trata-se aqui é a exploração de um contexto e de um imaginário em que pode-se captar *representações* acerca de uma língua e demais aspectos envolvidos por esta. Nesta perspectiva, destaca-se que cem por cento dos entrevistados assumiram que o curso de inglês é um ambiente onde aprende-se culturas. Todavia, quando questionados acerca de quais os pontos a serem destacados em relação a esse aprendizado um grupo de países protagonizou as respostas: Estados Unidos da América, Canadá e Inglaterra foram citados como culturas nas quais os cursos possuem maior foco. Estabelece-se, portanto, a discussão acerca do ensino de um idioma que pretende-se (e foi descrito - também - pela totalidade dos entrevistados) como *idioma global* porém estabelece o foco em um restrito grupo de culturas/países.

O trio de países citado acima torna a aparecer quando indaga-se jovens acerca dos destinos para possíveis viagens ao exterior. Quando perguntados acerca do porquê de tais decisões de destino revelam-se ideias acerca de hospitalidade, qualidade de vida, oportunidade de emprego e crescimento profissional extremamente positivas em relação aos três países citados. Conota-se, assim, um imaginário marcado pela presença de uma espécie de *etnocentrismo* baseando-se na ideia de que as demais culturas e países são “melhores” que o Brasil. Este é corroborado pela questão do consumo de bens culturais estrangeiros: os entrevistados tem contato com músicas, séries, filmes e demais mídias veiculadas em língua inglesa e usufruem destas com vistas à prática/exercício do idioma.

Dessa forma, a discussão baseia-se em conflitos (aparentes ou não) entre conceitos: uma língua *global* cuja o ensino em dimensões culturais é voltado a um número restrito de países; o consumo de bens culturais como forma naturalizada e tido potencializador de aprendizado.

#### **4 CONCLUSÃO**

Entende-se que o projeto de pesquisa vem cumprindo suas metas. As análises (ainda em curso) são satisfatórias no que se refere à identificação e exploração do fenômeno descrito acerca dos centros de ensino de língua inglesa. Demais pesquisas relacionadas ao ensino de língua inglesa tendem a seguir o campo da linguística e discorrer acerca de aspectos didáticos e cognitivos (ligados à metodologia de ensino). A pesquisa aqui em questão transcende esta visão e vem obtendo êxito na execução de uma nova abordagem neste campo. Os resultados, como já supracitados, apontam para um contexto de supervalorização de culturas estrangeiras específicas (em especial a anglo-saxã). Percebe-se uma geral naturalização da necessidade do aprendizado do idioma: entrevistados parecem seguir um fluxo de adesão aos cursos.

#### **5 REFERÊNCIAS**

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1997.

BRASIL, Lei N° 9.394, de 20 de dezembro de 1996

BRASIL. Lei N° 12.852, de 5 de agosto de 2013.

FERNANDES, Florestan (Coord.); RODRIGUES, José Albertino (Org.). Durkheim. São Paulo: Ática, 2000.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5 ed. São Paulo, Atlas, 2010.

VIVIAN, Élide Garcia Silva. Língua e cultura: entre a submissão e contestação. Revista Sapere, v. 3, p. 32, 2011